

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso na TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO II N.º 24 (30 DE JUNHO DE 1949)

BODAS DE OURO

do Concelho de Espinho

Programa Definitivo

JULHO

21 - Abertura da Feira Popular;

21, 22, 23 e 24 - Campeonato Nacional de Ténis de Mesa, no Salão da Piscina Solário-Atlântico;

24 - Gincana de automóveis;

28 - Inauguração Oficial da Feira Popular e Exposição Industrial e Comercial;

31 - Garraída a favor da Assistência Pública.

AGOSTO

4, 6 e 7 - Grandioso Concurso Hípico;

11, 12, 13 e 14 - Campeonato Nacional de Voleibol no campo do Sporting Club de Espinho;

14 - Tourada de Gala;

16 - Dia dedicado aos antigos frequentadores da Praia de Espinho com o seguinte programa:

Às 10,30 horas - Missa em sufrágio dos antigos frequentadores da Praia de Espinho, já falecidos, com alocução pelo Rev.º Padre Manuel Estevão Ferreira abade resignatário da freguesia de Anta, e a colaboração do Coral das "Pequenas Cantoras do Postigo do Sol";

Às 16 horas - Restauração da Fonte do Mocho e seu lavadouro público;

Às 17 horas - Sessão Solene nos Paços do Concelho, em homenagem aos frequentadores da Praia de Espinho e em que usará da palavra o distinto escritor Ex.º Sr. Dr. Sousa Costa;

17 - Inauguração das Obras de Defesa, Obras Sociais do Bairro Piscatório e Serviço de Águas;

Festas Populares com música, fogo e ornamentações;

Arraial Minhoto no Parque João de Deus, em favor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho;

20 - Continuação do Arraial Minhoto;

21 - Imponente Parada de Bombeiros com a participação de Corporações dos Distritos do Porto, Aveiro e Braga e continuação do Arraial Minhoto;

Continua na pág. 2

EDITORIAL

IMPRESSIONANTE!!

Os Homens possuidores do verdadeiro espírito humano, e que nada têm de comum com os exemplares do «antropopitecus», que ainda por aí pululam, andam verdadeiramente impressionados com o egocentrismo que grassa nas manifestações colectivas e privadas da presente geração. Esta estranha e deplorável situação tem produzido evidentes efeitos patológicos, que, pela sua morbidez, concorrem com triste eficácia para que se verifique um assustador aumento na dissolução do auxílio mútuo voluntário.

O voluntariado, perdeu o significado de instintivo e espontâneo, sem coacção nem proveitos, para se transformar numa operação calculista, que só encerra voluntariedade aparente. E' isto mesmo que se observa na Vida Colectiva, na qual está incluída, como é evidente, a vida das associações, clubes, agremiações e colectividades, quatro designações que encerram o mesmo significado.

A fuga ao labor voluntário em defesa de um bem colectivo, torna as gerências associativas difíceis, e, o que é pior, permite que nesses lugares se admitam ou conservem indivíduos que só pela sistemática negativa de muitos outros, eles, os inferiores e primitivos, possam dar satisfação a inconcessíveis e calculadas determinantes, entre as quais sobressai o mágico e saboroso prazer do mando. Mandar sempre e brilhar muito, em pouco tempo, ainda que para isso seja necessário acender as «luminárias» da corrupção e «esbracejar» para que os vizinhos lhes apreciem o dinamismo...

Quanto a obras, reais, palpáveis, com futuro... nada!! Umaz luzinhas vivas e fugazes, para entediar os olhos e cegar os cégos.

Surge então, como inevitável consequência o ar atrevido dos incompetentes orientadores desportivos a abarrotar de importância, esgotando o «cálice das amarguras» de quem lhes cai na alçada.

E se o leitor conhecer um pouco os homens que dirigem os destinos de determinadas Associações Regionais do Porto, a que pertencemos, ficará esclarecido sobre a verdade destas afirmações, que são, afinal, IMPRESSIONANTE mas perfeito reflexo das suas bisonhas personalidades.

Sumário

IMPRESSIONANTE!! - um Editorial, de Higinio Pires.

CRÍTICA SOCIAL - Mentira, por Gino Sérpi; Um pouco de má língua, por Julcides Morcatt.

MÚSICA - As Pequenas Cantoras do Postigo do Sol, por Mário Neves.

IRREVERÊNCIAS - CRÍTICAS

A Propaganda das Festas, por Varius.

Jornalismo, por Zaralrusta.

Do Fado, da Amália... por Julcides Morcatt.

Sem título e sem ofensa, por D. Fugas Roupinho.

PROSAS DISPERSAS - Carta a Maria Margarida, por Alvaro Redondo.

CRÍTICA TAUROMÁQUICA - A primeira corrida no Norte, por Paquito.

TRANSCRIÇÕES - É conveniente ser estúpido!!!, por Jonh Gibson.

FOLHETIM - Que isto de ser-se gordo... por José Corte Real.

DESPORTOS - Natação, Hóquei em patins, Futebol, Voleibol, Ping-Pong, Hoquei em campo, etc.

EM SUPLEMENTO:

UM NÚMERO DEDICADO AO DR. MANUEL LARANJEIRA.

MARÉS VIVAS

MENTIRAS!

Cada dia que surge na nossa Vida, por mais claro e radioso que nos pareça, e, mau grado toda a luta que se trava, combatendo pela melhoria do social e do humano, força-nos à conclusão pessimista de que os lódos do actual pântano social, plenamente justificam o epíteto com que alguém tituló a nossa geração, de uma Geração Desesperada.

Muitos dos homens que nos rodeiam, postados na situação de aureolados por situações e funções, diferenciados publicamente por acções praticadas com intenção de influenciar o apreço imerecido em que são tidos pelos seus concidadãos, não nos merecem senão o favor de tolerados, por força da nossa disciplina. Convém frisar no entanto, que essa disciplina se resume na aceitação da força legal e ordeira, nunca atingindo nosso íntimo aplauso, pois são já por nós conhecidas as manobras clássicas dos incompetentes escondidos, ou amparados, no brilho enganoso das suas respectivas posições.

Não é raro ver-se anavalhar o próximo, quando não há testemunhas, para em contra partida se ocupar em público a seráfica posição de puro altruismo, exibindo funções ou qualidades de características bondosas e benéficas.

Que importa a mentira, a traição e o dolo desde que, liquidando determinadamente o direito de uns tantos, eles como profundos conhecedores da época e das gentes, se deixam esportular voluntariamente de uns «cobres», mínima parcela do sacado aos outros, para lavar a consciência e mentir publicamente?

O grande público, eternamente burlado, lhes pagará a traição praticada com o apreço, pela aparência propositadamente forjada para salvar o prestígio e ganhar o céu. Esta mentira íntima, premiada pela inconsciência de julgamento da multidão, dá-lhes estímulo para continuar, pela impunidade de que tão injustamente gosam.

Por estes e outros factos, a Mentira, continua impante e repelente, mas, para certos cómodos e bem remunerada.

Gino Sérpi

Manta de Retalhos

E' conveniente ser estúpido!!!

por JOHN E. GIBSON

A ciência descobriu que, sob muitos pontos de vista, é melhor ser-se estúpido do que possuir muita massa cinzenta na cabeça. Na realidade, à luz das últimas descobertas, parece que possuir um cérebro preguiçoso é uma coisa tão desejável como ser protegido por dois anjos bons e ser dono de um bom pedúlio depositado no Banco.

Os Drs. Jurgen Ruesch e Karl M. Bowman, da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, depois de aturados estudos comparativos, descobriram que as pessoas mais inteligentes demonstram dificuldade em curar-se de uma doença e em se adaptarem a uma incapacidade física. Descobriram também que a maioria dos pacientes de doenças crônicas possuem uma inteligência superior à média. Segundo afirmam estes cientistas as pessoas inteligentes carecem de capacidade de adaptação e não se acomodam facilmente às mudanças de posição social.

Experiências realizadas na Universidade de Colgate demonstraram que enquanto os trabalhadores manuais passam perfeitamente com quatro a cinco horas de sono diárias, o intelectual necessita absolutamente de oito horas para poder realizar com eficiência as suas funções.

A ciência descobriu, também, que as pessoas com baixo nível de inteligência estão menos sujeitas ao tédio do que as outras mais inteligentes, o que não é pequena vantagem, visto estudos sociológicos terem demonstrado ser o tédio uma das fortes causas da conduta anti social dos indivíduos.

Por que razão as pessoas de grande inteligência se aborrecem facilmente? Porque a nossa vida diária está constituída na sua maior parte por actos repetidos, e as experiências têm demonstrado que, enquanto as pessoas de pouca inteligência não acham a repetição monótona, as de mentalidade mais elevada encontram-na desesperante. Outras experiências demonstraram que quanto mais a nossa capacidade mental excede os requisitos do nosso trabalho, tanto mais aborrecido se torna este para nós.

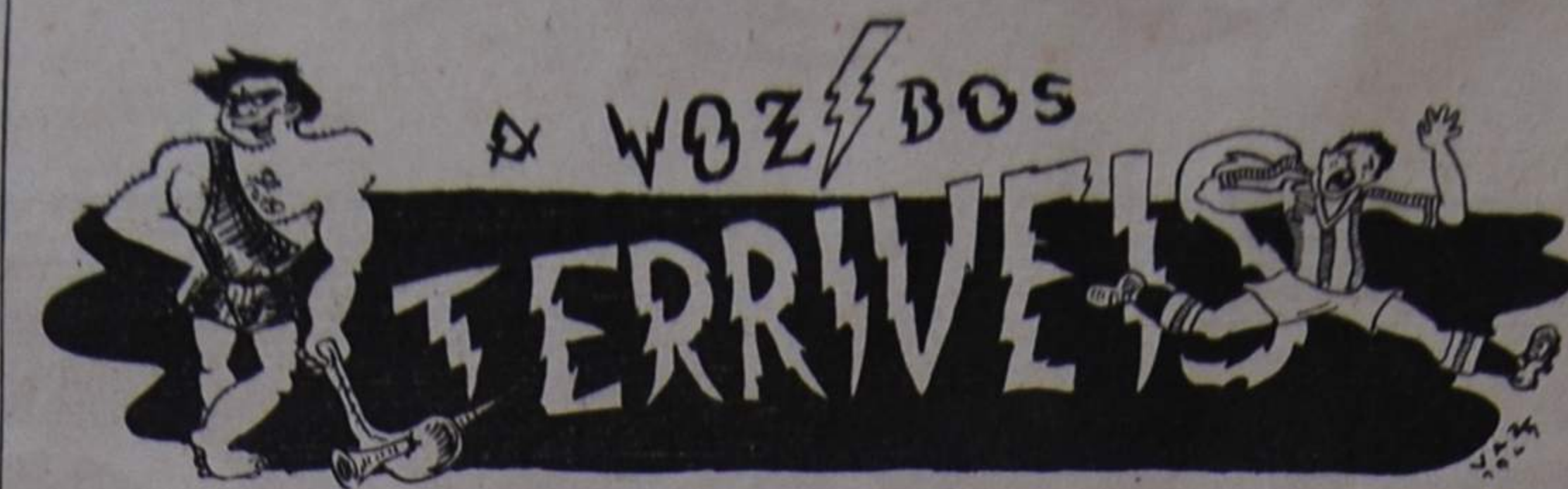
O indivíduo que é estúpido está sujeito a menos acidentes, porque tem a sua atenção fixa no que está a fazer. Por exemplo, conduzir um automóvel. James Stannard Baker, director de investigação do Instituto de Tráfego da Universidade do Noroeste, diz: «Um idiota integral é o melhor condutor de automóvel que existe».

Mas o homem que não é demasiado inteligente — diz Baker — se reunir as necessárias condições de treino, vista e prudência, é o mais seguro condutor. Está menos sujeito a «sonhar acordado» e é menos provável que se aborrecer da monotonia de guiar, como sucede com indivíduos de inteligência superior.

Uma grande inteligência pode ser muito útil, mas é também um empecilho em outros aspectos além dos já mencionados. O homem de inteligência superior sente-se mais solitário e tem menos amigos do que o seu semelhante de cérebro menos privilegiado. Isto é devido a que o indivíduo de brilhante intelecto tem pouco de comum com aqueles que o rodeiam, poucos que o compreendam porque é difícil de compreender. Consequentemente, custa-lhe muito mais encontrar uma mulher à sua altura. Quanto mais brilhe na escala intelectual, tanto mais evidente isto se torna. Os génios, máximo expoente da inteligência, são tradicionalmente seres solitários e incompreendidos.

O doutor R. J. Reeves Kennedy, professor de sociologia na Universidade de Connecticut, fez um estudo de centenas de parvos típicos, de diferentes classes sociais. O seu índice de inteligência oscilava entre 50 e 75% (100 é a inteligência média). Este professor descobriu que os parvos (?) estavam a ganhar tanta dinheiro e a adaptar-se tão bem às exigências da vida moderna como os que não o eram. Também descobriu que a mulher tola típica ganhava mais dinheiro que as mulheres normais empregadas nas mesmas actividades.

Tão activos na vida social organizada como os cidadãos mais inteligentes, a maioria dos tolos são, segundo o doutor Kennedy, «valiosos indivíduos que suportam a sua parte da carga social e que nada fazem que ameace o bem estar da sociedade». As investigações demonstraram que o tolo típico tem um bom emprego, um lar e uma família, possui rádio e telefone, lê jornais e revistas e



A propaganda das Festas do Concelho

Segundo consta, vai haver grandiosas festas em Espinho durante a época balnear... para comemorar as «Bodas de Ouro» da sua autonomia administrativa. Exceptuando a propaganda que se fez depois de efectuada a «Sessão Solene» em todos os jornais, e da propaganda que se tem feito das reuniões da Comissão Central — desde Março — pouco ou nada se sabe. Felizmente que os propagandistas das festas envolveram em silêncio sepulcral aquela grandiosa «Marcha nocturna luminosa» dando-nos a satisfação de verificar a justeza do rifão que diz «haver males que vêm por bem... Daí, talvez seja preferível continuar silenciosa não vá repetir-se outra «bambochata», luminosa ou não... Segundo os americanos, a propaganda tem, como figura representativa uma aliciante e perturbante deusa terrestre tocando uma trombeta de som agudo e tonitroante... Pois a nossa «Comissão de Propagandistas», tem como émulo, dada a sua triste figura, uma figura triste de farroupilha tocando «pifaro» ou assoprando numa cana rachada... que se não ouve a dois passos... Nós sabemos que os indivíduos que compõem a C. Propaganda são excelentes pessoas, mas o que duvidamos é que saibam o que é fazer propaganda. E' realmente ridículo que exceptuando o que o Presidente da Câmara disse aos representantes dos jornais e que, quanto a nós, foi a única coisa que se pareceu com propaganda, nada se tenha feito no sentido de «atirar» aos quatro cantos e respectivos recantos de Portugal o Programa Geral das Festas, que supomos está perfeitamente definido pela numerosa (!) Comissão Executiva que trata do assunto desde a primeira hora.

Se agora se fazem rifas por tudo e por nada, porque razão se não rifa a Comissão de Propaganda das Festas?

considera o cinema como o seu passatempo favorito. E' um operário meio especializado e ganha frequentemente mais de cinquenta dólares por semana, que é o salário médio dos operários industriais nos estados Unidos.

Assim vão as coisas. Se o leitor levou dez anos para fazer a instrução primária, não deve preocupar-se muito com o caso. Pode viver tão bem como os indivíduos que sabem tantas coisas que não podem concentrar a sua atenção de modo a não atropelar um peão. Além disto, deve lembrar-se das vantagens que possui sobre eles: cura mais depressa as suas doenças, não está tão sujeito ao tédio e à insónia, sente-se melhor, é mais feliz e tem mais amigos. Talvez depois de considerar tudo isto, não deseje trocar a sua personalidade pela de um indivíduo inteligente. Na realidade, é possível que algum deles preferisse trocar consigo — algum verdadeiramente inteligente.

De Collier's

ESTRADA

Porto-Espinho...

Perante o traçado da estrada Porto-Espinho, não sabemos o que admirar mais, se os recursos artísticos dos cérebros que a delinearão, se a defesa brilhante dos interesses individuais. Simplesmente admiráveis, aqueles homens. Mas, ainda admiramos mais os homens de hoje quando, lembrando certos trechos da estrada, autênticas ratoeiras, não sabemos de qualquer tentativa para remediar as asneiras dos passados e, assim, velar pela vida do próximo. Sim, sabemos que está projectada uma auto-estrada que fará esquecer a existência da actual, mas sabemos, também, do grande passo que vai do projecto à realidade.

Mesmo com auto-estrada, em quaisquer circunstâncias, não se podem admitir «cotovelos» e curvas que o mais leve descuido transformará em campos de morte. De resto, o arranjo — a eliminação de muros, de esquinas, de nesgas de terreno, até a demolição de pequenas e velhas casas, não seria tão dispendioso como muitos pretendem. Não são precisas grandes expropriações de imóveis ou terras. Pode objectar-se com a resistência dos proprietários que seriam atingidos, mas estamos certos, dada a pequenez dos sacrifícios, da boa vontade geral. Caso contrário, a registrar forte e acentuada defesa de interesses mesquinhos, falaria o bem comum.

Diante a facilidade aparente da resolução deste problema e da solução de outras semelhantes, não percebemos a atitude da Direcção Geral das Estradas do Distrito do Porto. Esperamos que não tarde mais o protesto de todos os que, conhecendo esta estrada, sabem dos perigos que espreitam, a todo o momento, tanto o motorista como o peão. Já é tempo de se passar da indignação momentânea e isolada a uma unidade consciente e forte.

AOS ASSINANTES

A Administração de «RUMO» informa os assinantes de que contará como dois números a publicação referente ao nº 24, visto a edição do suplemento do DR. MANUEL LARANJEIRA ter sido muito onerosa, e nela não ter sido incluídos quaisquer anúncios.

COLABORAÇÃO LITERÁRIA

Verificada a publicação do suplemento ao presente número dedicado ao DR. MANUEL LARANJEIRA, informamos todos os nossos estimados colaboradores literários que os originais entregues serão publicados no próximo número, referente a Julho.

CARTA A MARIA MARGARIDA

Continuado da pág. 2

compreendo que tu, querida, pretendas acabar... Caminhamos juntos um pequeno traço de estrada, mas, agora, os nossos caminhos se separam. O teu é recto, largo, fácil e conduz-te ao horizonte poético e belo em que sempre sonhaste; o meu é estreito, sinuoso, difícil, cheio de sombras negras e nem sei ao certo onde me conduz. E' possível que os dois caminhos conduzam ao mesmo fim. Sinceramente te confesso que o não sei. Nem sei se eu atingirei o fim do meu caminho. De certo modo sou um aventureiro do meu destino, um turista da minha vida.

Neste momento em que me deixas eu paro a olhar-te e vejo-te afastar cada vez mais bela e mais sedutora. E tenho pena que não nos tenhamos irmanado neste mesmo ideal de luta. E agora que olho a estrada que me conduz ao meu destino vejo-a tão triste, tão solitária...

Mas já estou de novo a caminho. Só? Só não... com a saudade lado a lado e com o sofrimento no coração...

Alvaro Redondo

BODAS DE OURO do Concelho de Espinho

Continuado da pág. 1

28 - Tourada;

Intercalados nestas datas: Torneios de ténis, hoquei em patins, natação e concertos musicais por bandas;

SETEMBRO

3 e 4 - Torneio de Golf;

11 - Cortejo de Oferendas e do Trabalho a favor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho;

17, 18 e 19 - Festas d'Ajuda;

19 - Garraiada;

25 - Festas Desportivas;

Durante o mês: Torneios de Ténis, hoquei em patins e em campo, natação e concertos musicais por bandas.

"RUMO" vende-se

No Porto:

LIVRARIA PORTUGALIA
TABACARIA JOFFRE

Em Coimbra:

LIVRARIA ATLANTIDA

Em Lisboa:

LIVRARIA PORTUGALIA

Em Espinho:

QUIOSQUE REIS

Em Vizeu:

PAPELARIA AZEVEDO

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO ESPINHO E A NATAÇÃO

Espinho, Rainha da Costa Verde, Rainha das Praias de Portugal, tem o seu maior orgulho no mar.

Espinho, terra de desportistas, onde são praticados quase todos os desportos com méritos satisfatórios, é apontada hoje como um dos principais centros desportivos da Província. Vencendo todos os obstáculos, e que não são poucos, os clubes locais têm, durante todo o ano, nos seus campos, esta ou aquela modalidade desportiva em permanente acção, desde o futebol das multidões, passando pelo ping-pong, ténis, hoquei em campo e em patins, até à mais recente prática desportiva: o voleibol.

E, curioso, só a natação que devia ser o desporto por excelência da nossa terra, tem sido votado a um ostracismo quase absoluto. Bem sabemos que o nosso mar por vezes não se presta para a prática da natação, mas, ontem, com a barrinha de Esmoris, tão perto e com tão boas condições, o que se fez: nada! Hoje, com a monumental Piscina-Solário Atlântico, onde nada tem faltado, inclusivé a boa vontade do seu Director-Administrador, Sr. Manuel Bizarro, que se tem mostrado (e nós o reconhecemos) como um bom Amigo da nossa terra, o que se tem feito em prol de tão salutar desporto é ainda tam pouco, que podemos continuar a dizer: nada!!

Vamos entrar na nova época da natação e não devemos nem podemos permanecer nesta atitude de indiferença por tão benéfica modalidade. Deve, pois, a Associação Académica de Espinho, encarar com mais este problema e também, desde já, coordenar esforços e trabalhos, contando com a indispensável boa vontade da Direcção da Piscina-Solário Atlântico.

Aníbal Lacerda

TORNEIO INTERNACIONAL DE HOQUEI EM PATINS

Com a participação das equipas Belga e Francesa, em representação das selecções Flamengo e de Paris, realizou-se na nave do Palácio de Cristal, em conjunto com as selecções do Norte e do Porto, um Torneio Internacional de Hoquei em Patins.

Saiu vencedora a equipa Flamengo, facto normal, pois técnica e fisicamente nenhuma das outras equipas concorrentes se lhe pode equiparar.

Em segundo lugar classificou-se a selecção do Norte seguida das equipas do Porto e de Paris.

Das selecções nortenhas sòmente gostamos da exhibição efectuada pela equipa do Porto no jogo contra Paris onde sobressaiu o excelente trabalho de Abel Santiago.

No jogo decisivo Norte-Seleção Flamengo, os representantes do Norte foram incapazes de mandar no terreno, valendo-lhes o não serem punidos com um resultado copioso, a excelente exhibição de Gomes da Costa. No sector avançado Ribeiro como Figueiredo foram de uma nulidade absoluta, para mais que o estêo da equipa, Manuel Soares, não realizou jogo à altura da sua craveira.

Admirou-nos a maneira como os guardas-redes parisiense e flamengo se colocavam nas balizas. Ao contrário da maneira portuguesa, conservam-se quase

sempre de pé, facto que lhes dá vantagem quando assediados, pois todos os elementos das suas equipas se concentram na defesa da baliza o que lhes dificultaria a visão se defendessem abaixados.

Quanto à escolha dos elementos que formaram as linhas representativas nortenhas não foi feliz o seleccionador. Incompreensível mesmo a chamada de Aragão e Manuel Fernandes. O primeiro, por não possuir categoria suficiente para justificar a chamada, e o segundo por se encontrar há bastante tempo afastado de jogos de competição. O preenchimento do lugar de defesa da selecção do Porto com André foi uma improvisação que sòmente veio enfraquecer a linha avançada, pois, colocando Firmino, do Vigorosa, naquele lugar, já o concurso de André seria de muito maior utilidade, formando com Santiago duo muito melhor do que o escolhido.

A equipa flamenga possui um bom conjunto, que, ajudado pela compleição física dos seus elementos, se torna bastante difícil de bater. A frescura com que os belgas se apresentaram em rink é notável, pois nem davam a impressão que tinham acabado de disputar um duro Campeonato do Mundo.

Por seu turno a equipa francesa, fisicamente, já se apresentou mais ressentida; em condi-

PING-PONG

Campeonato do Porto da I Divisão

Em continuação do Campeonato da I Divisão do Porto a Académica de Espinho obteve os seguintes resultados:

C. U. F., 5 Académica, 1

Derrota normal duma formação fraca da Académica (F. Victor, Sílvio e Sá Couto) perante uma das melhores equipas deste Campeonato e que conta com o concurso do melhor jogador desta Divisão, que só obteve vitórias nos jogos que disputou.

Com este jogo terminaria a primeira volta do Campeonato se não tivesse sido adiado o primeiro jogo com o S. C. Senhora da Hora, por acordo entre os dois clubes.

O balanço desta volta é francamente negativo para a Académica, pois em 4 jogos disputados só ganhou um.

S.ª da Hora, 1 Académica, 5

Para início da segunda volta pôde a Académica contar com o concurso de Gayoso e Nascimento, dois dos seus bons elementos, e que com Fernando Victor não tiveram dificuldade em ganhar aos simpáticos portadores da «lanterna vermelha».

Académica, 5 Coimbrões, 2

Para rectificar erros no calendário de jogos enviados pela Associação Regional e por indicação verbal do Presidente desta entidade, foram alteradas as datas dos jogos marcadas no mesmo, ficando, por este motivo, o jogo com o Club Fluvial Portuense em atraso e disputando-se o encontro acima indicado antes da data marcada inicialmente.

Boa vitória da equipa local, com Sílvio e Fernando Victor a jogarem melhor do que anteriormente e Nascimento, embora não repetindo a excelente exhibição feita contra este grupo na primeira volta, a jogar de molde a dar confiança aos colegas.

G. D. E. Física, 2 Académica, 5

Com a mesma formação da jornada anterior conseguiu a Académica um triunfo brilhante sobre o «leader» do Campeonato, a quem não é necessária a atenuante da falta dum dos elementos habituais para justificar a derrota, pois o jogo desenvolvido nessa noite — e nessa esplêndida sala — pelos jogadores da Académica foi de molde a não os inferiorizar.

Com esta vitória da Académica o Campeonato ganhou mais interesse, pois colocou dois grupos no comando, em igualdade de pontos: G. D. Educação Física e C. U. F.

Académica, 5 C. U. F., 4

Como o resultado indica a Académica venceu este jogo com dificuldade, devido ao nervosismo de Sílvio num dos jogos.

Devemos salientar que foi esta a única derrota que o G. D. da C. U. F. sofreu, desde que dele faz parte o bellissimo jogador que é Carvalho.

A Académica continuou com a formação Sílvio, Nascimento e F. Victor e que não foi batida uma vez sequer.

Com a derrota da C. U. F. voltou o G. D. Educação Física do Norte (Senhora da Hora) ao 1.º posto da classificação, passando a Ass. Académica de Espinho a emparceirar com a C. U. F. no 2.º lugar.

Académica, 5 S.ª da Hora, 1

Este jogo que estava em atraso e se referia à 1.ª volta proporcionou uma nitida vitória aos espinhenses, vitória aliás esperada, dado que os nossos correctos adversários são na verdade os mais fracos concorrentes, sob o ponto de vista técnico.

No próximo número e após efectuado o encontro com o C. Fluvial Portuense, que está em atraso, faremos os comentários e bordaremos algumas considerações sobre o Campeonato do Porto desta Divisão.

ções normais deve ser mais poderosa, mas mesmo assim inferior tècnicamente, em confronto com os belgas.

Nos intervalos exhibiram-se as patinadoras Josée Créé e Maria Antónia, dois estilos diferentes, realizando porém exhibições de agrado.

A 3

FUTEBOL

UM EXEMPLO

Habituaamo-nos a venerar a Académica de Coimbra, a sofrer e folgar com os seus desaires e vitórias, desde que, em ingénua jornada de cabulice, começamos a pisar ronceiramente as calçadas tortuosas da velha cidade universitária. Vivemos com calor os jogos em Santa Cruz, aplaudimos com alma os jogadores da camisola negra, deslocamo-nos entusiasmados, sempre que possível, a diversas partes embora normalmente houvesse a antecipada certeza de que a vitória nos não pertenceria.

Por isso, compreendemos e admiramos o magnífico movimento de solidariedade que no início da época se desenhou em favor da Académica, apoiando a sua participação no campeonato máximo do futebol nacional; tivemos finalmente a felicidade de assistir ao jogo do Estádio José Alvalade que coroou com justiça a dedicação, esforço e boa vontade dos atletas académicos.

Mais, porém do que estas considerações, puramente pessoais e partidárias interessa salientar o exemplo magnífico fornecido a todos os desportistas nacionais pela atitude desinteressada (estranha num país de «amadores»), única nos tempos que correm, do Dr. Alberto Gomes. Indiferente à idade que lhe roubara o vigor antigo, rejuvenesceu para servir o seu clube, fez-se moço entre moços, trabalhou denodadamente para conseguir a vitória desejada. A sua experiência forneceu à equipa a coesão e entusiasmo que há muito lhe faltava. Bem haja pelo que fez. Obrigado, Dr. Alberto Gomes, e que o seu exemplo não se apague da memória de quantos crêm ainda que o Desporto é mais do que um simples negócio ou passatempo, uma escola de virtudes.

*
* *

Taça «Dr. Sá de Oliveira»

Com toda a justiça o Sporting Club de Espinho acaba de conquistar a Taça Dr. Sá de Oliveira. A equipa local não temeu o embate com cinco poderosas turmas da II Divisão Nacional apesar do seu mau sucesso no Regional. Conscientemente, um por um, foi contornando os escolhos que faziam barreira às suas pretensões. Apenas em dois jogos disputados fora de casa consentiu a derrota, impondo-se a todos os outros como o melhor conjunto. Os pormenores dos jogos disputados deixaram já de interessar e, por isso, resta-nos analisar o trabalho dos diversos sectores da equipa.

A defesa foi sem dúvida a base do bom sucesso. Cântara apurou as suas muitas qualidades, Ribeiro excedeu tudo quanto dele se poderia esperar. Artur, Lopo e Angelo foram quase sempre iguais em certeza de colocação. A linha média apesar de ser um tanto ou quanto inconsciente, portou-se à altura. Vivas, ao que parece inadaptável a certas táticas modernas, valeu muito pela generosidade do seu esforço e pelas qualidades que sempre o distinguiram, enquanto que Veríssimo continuou a ser o irregular jogador a que estamos habituados, misturando as coisas boas com as más. Vinhas, não obstante a má von-

Continua na pág. 7

VÉNIAS E IRREVERÊNCIAS

JORNALISMO

No número 896 do presado colega «Defesa de Espinho» o sr. H. V. publicou um artigo bastante curioso sobre jornalismo regional. Porque os assuntos nele versados encerram interesse para a imprensa regional — a que pertencemos — não podíamos deixar de registar e comentar alguns dos seus passos.

De uma maneira geral presente-se que o autor não fixou apenas a sua atenção na definição ou exposição do que é jornalismo regional ou provinciano, visto que, na sua essência, o artigo abriga visíveis contradições.

Realmente, nota-se que o artigo se compõe de ligeiras «véniás» e muitas «irreverências», dirigidas contra os processos seguidos pela imprensa regionalista, e por tal facto, implícita ou determinadamente orientadas na direcção dos dois representantes locais dessa mesma imprensa.

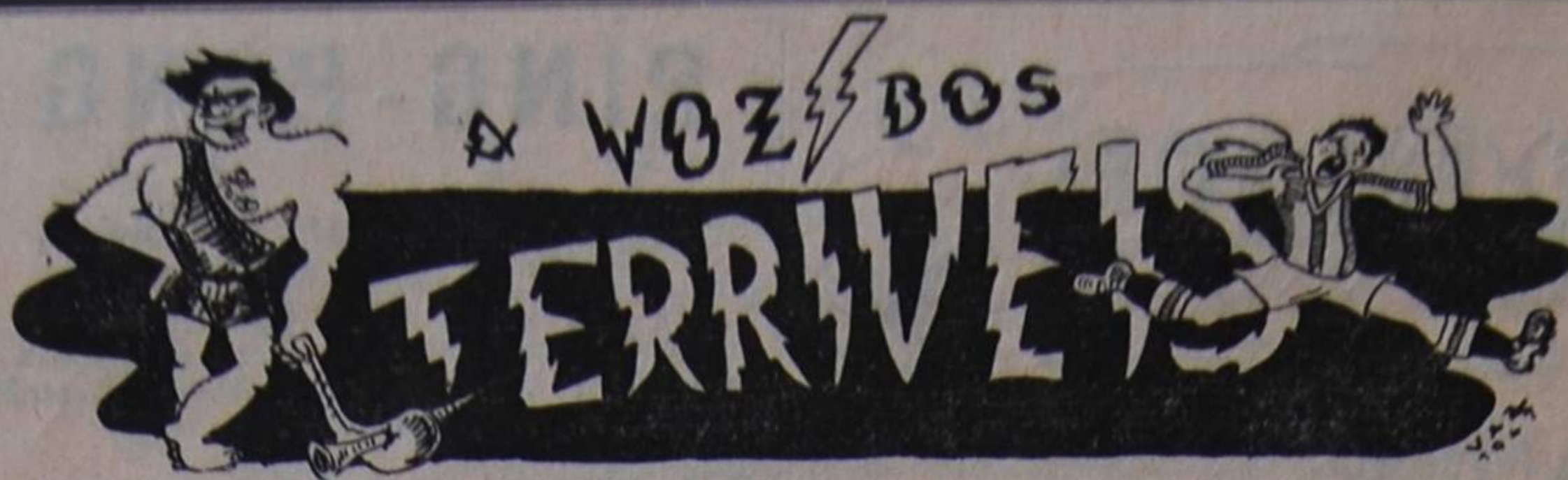
Deste modo, só devido ao facto do articulista H. V. ser afinal jornalista local, «por amor à arte», poderemos levar a bem algumas perceptíveis evoluções de retórica, bifurcando as apreciações sobre as nossas publicações que, por benevolência, lhes mereceram o diminutivo de «plumitivozinhos».

Entre outras coisas disse o sr. H. V. que o jornalista não deve submeter-se à «opinião pública», dando-a como evangelho de «certa» imprensa. Disse também, sintetizando, que a coluna vertebral do jornalista deve ser um autêntico fio de prumo, apenas tomando por linha de conduta o senso comum. Crítica depois a folha regionalista sugestionando que ela deve existir, mais do que como elemento informativo, para orientar, ser superior às paixões, etc., etc. Não gosta também de transcrições literárias, apelidando esse processo de petulância a «armar ao pingarelho».

Ora o ter incluído no seu artigo tais argumentos pode levar à errada conclusão de que «Rumo» ou «Defesa de Espinho» se possam ter curvado perante o público ou outros o que além de não nos parecer justo, não é diplomático... Sentimos porém que o autor não quis significar que todos estes defeitos são pertença das publicações locais, tendo em atenção que essa afirmativa iria atraícoar o esforço da imprensa provinciana, e, o que é mais paradoxal, o próprio jornal onde colabora...

A não ser que por exclusão precipitada, tendo em vista o volume dos erros apontados, o sr. H. V. entenda que só o jornal que acolheu e difundiu o seu artigo está plenamente integrado nos cânones da perfeição...

Desde já diremos que o não acreditamos, pois seria demasiada estultícia em cujo campo não queremos lançar o autor. Além do mais, o artigo dá lugar a clara confusão — imbróglio estava bem aplicado — pois nem sempre



AUTÓPSIA AO JORNALISMO DO SENHOR H. V.

A propósito do artigo «Jornalismo», saído à luz no número 896 de Defesa de Espinho, o nosso Doutor Bisturi fez o seguinte relatório de autópsia, valendo-se exclusivamente das palavras do próprio doente:

<p>O que ele escreveu no fim do artigo</p> <p>Jornalismo que não traduza achincalhamento; imparcial na apreciação, justo na crítica.</p> <p>Jornalismo que não traduza deprovação;</p> <p>Jornalismo que não traduza intriga; puro nas intenções; sincera lealdade</p> <p>Jornalismo não má-fé; recto no parecer</p> <p>Jornalismo não estendal de intuítos reservados; não propósito de vindicta; não desejo de mal querer</p> <p>Jornalismo não ataque descabido, incongruente, precipitado</p> <p>Jornalismo sinónimo de discrição, cortezia, lisura, diplomacia, distinção</p>	<p>O que escreveu antes do fim...</p> <p>«E' pelos compadrios, pelos amigalhos e companheiros de certas lutas políticas cuja ideologia caducou, pelos cretinos e energúmenos... que alguns jornalistas se deixam influenciar...»</p> <p>Os «tais» jornalistas faltam-lhe as características do verdadeiro jornalista. «A coluna vertebral do jornalista deve ser um autêntico fio de prumo, etc. não deve curvar-se em salamaleques, etc...»</p> <p>«...alguns jornalistas... para os quais vale, principalmente, a opinião pública... tanto se lhes importando que seja boa, medíocre ou má. E' a opinião pública... que é preciso respeitar»</p> <p>Fazer jornalismo não é escrevinhar um amontoado de palavras mais ou menos sonantes para preencher colunas de prosa... ou recorrer à tesoura para transcrições...</p> <p>Os «tais» jornalistas trazem «à barra a chicana política que, na fase de renascimento actual, cheirando a bafio, causa vômitos, provocando náuseas, má disposição, irritabilidade, ambiente que um são critério aconselha, a todo o transe, evitar...»</p> <p>Os «tais» jornalistas são um perigo e um prejuízo, pois têm «compadrios, amigalhos, companheiros, de ideologias caducas», influenciam-se pelos «cretinos e energúmenos», submetem-se servilmente a qualquer «opinião pública».</p> <p>Fazer jornalismo sério, honesto... não é fazer imbróglis de toda a espécie em letra de fôrma — como se constata na prosa de «certos plumitivozinhos» etc...»</p> <p>...aproveitando interesseiras indicações deste e daquele leitores, que, a maior parte das vezes, o que pretendem é «levar a água ao seu moinho», encobrendo vinganças pessoais, veladamente espumando raivas, guardando ódios...</p>
--	--

Conclusão: Miasmas no corpo e «areias no sótão».

a prosa anterior está enquadrada nos 8 judiciosos mandamentos finais do próprio artigo. Por esse facto estamos convictos de que houve pressa ou sobreposse na feitura do artigo, pois a indicação, pelo autor da necessidade de ar puro... renovado... fresco e bom, denotam um lirismo que contrariaria as afirmações pouco harmó-

nicas, que em muitos períodos do artigo estão expressas.

Por estas falhas e oposições, o artigo não conseguiu dar-nos a ideia exacta do que é jornalismo, o que é pena, embora algumas das sugestões devam ser seguidas pelos jornalistas locais... H. V. incluído.

Zaratrusta

Do fado, da Amália e do que adiante se lerá

Meus senhores: eu não gosto do fado. E se a razão pretendem eu respondo-vos que não gosto também de feijão e odeio, soberanamente o teatro clássico. E' evidente, meus senhores, que o caso da Amália é um caso nacional. De certo modo, poderei dizer que a Amália trouxe com ela a vitória do Fado; porque tempos houve em que por palestras radiofónicas e em artigos (mais ou menos literários) se acusava o fado de exprimir a decadência nacional, de não ser a canção lusíada, e ser tão doentio como os climas inóspitos da África tropical.

Pelo que li, o Fado tem o esgar do canto mouro; pelo que li, o Fado lisboeta é um repertório de crimes nauseabundos e de misérias morais. E quase chegaram a acusar o velho do Restelo de ter cantado à partida do Gama para a Índia, o conhecido Fado: *Vais-te embora para nunca mais voltar.*

Ah! leitores! Como está longe o tempo em que o conhecido guitarrista, *O Chico de Lisboa*, em voz empoada e rouca de alcool, anunciava: «Meus senhores, o fado que vão escutar, tem por título «Os Lusíadas», letra de Luís de Camões e música de minha autria».

Hoje, o Fado ultrapassou as fronteiras nacionais. Pela voz da Amália (o espírito do Fado!), foi até Paris e ali eclipsou as pernas da vetusta Mistinguette e as canções gaiteiras de Maurice Chevalier. Paris delirou e em vez de cantar *La vie en rose* pôs-se a soletrar, com delírio, os fados da Amália.

Os jornais franceses falaram de Amália; os intelectuais franceses elogiaram a Amália; os franceses ouviram a Amália e gostaram... o que muito aborrecem os inimigos intransigentes do Fado — que por aqui pululam e entre os quais me encontro.

Mas quero, no entanto, notar: o facto de eu não gostar do Fado (o que não é o mesmo que não gostar de Amália) não significa que eu não me sinta satisfeito com os dias de glória que viveu o Fado na capital Francesa que ignoro se continua a ser a Cidade de Luz porque é possível que lá (como aqui) andem todos a pedir chuva.

E vem isto a talho de foice porque me disseram que Amália vai até ao Scala de Milão!

No dia em que tal acontecer, — ai, senhores! — lá se vai a Opera de cangalhas... a não ser que com estes modernismos que estão surgindo, surja, entre duas árias, a voz cristalina da Amália, a cantar o «Não sei porque te foste embora...».

Sim, porque o Fado, hoje, não é apenas a canção nacional mas uma canção internacional, que invadiu Paris, conquistou a Itália e é capaz de amanhã, ser melodia de fundo dum swing americano.

Que os filhos do Tio Sam são capazes de tudo! Oh se são...

Juálcides Morcan

Um pouco de MÃ-LINGUA

Dedicado ao crítico e filósofo FLORENTINO

Se é certo (como muitos pretendem) que antes de analisarmos—admiramos, é possível que o primeiro crítico tenha surgido em condições bem pouco primorosas para o Género Humano. O 1.º crítico foi além de um refinado preguiçoso um terrível observador. O facto é este: desde que o primeiro homem, interrompeu o seu labor e se pôz a admirar o modo de trabalhar do outro—surgiu, na espécie humana, o primeiro crítico. O primeiro crítico descansou o corpo sobre o cabo de enxada e lançou um olhar cansado sobre o seu camarada de labuta. E enquanto descansava, olhava o outro que, infatigavelmente revolvía a terra com a enxada, que enterrava com vigoroso esforço.

O 1.º crítico olhou o seu camarada com dó. Para que era necessário imprimir tanta força à enxada, se o terreno era mole e pouco pedregoso? Disse-o ao outro homem com ar de profundo sabichorro. E o outro começou a cavar com menos força e menos cansaço. E viu que o outro tinha razão.

O 1.º crítico pensou: porque não segurará este homem a enxada mais perto do fim do cabo? Não verá ele que assim fazendo imprime mais força com menos energia? Disse-o ao outro homem com ar de quem descobria a pólvora (—a pólvora descobriu-a um sábio chinês, sete mil séculos mais tarde). E o outro, começou a cavar com menos força e menos cansaço. E viu que o outro tinha razão.

Desde esse dia o 1.º crítico deixou quase de trabalhar. Aconselhou o outro a trabalhar à sombra, a descansar dez minutos em cada hora, a dormir 8 horas por dia, etc... E o outro a ver que o primeiro crítico tinha sempre razão.

O 1.º crítico adquiriu um ar conselheiral. Quando o outro homem, depois de um dia de labuta, lhe apresentava o seu trabalho, o primeiro crítico examinava-o com um olhar agudo e profundo, torneava-o, e depois apontava-lhe mil defeitos ou dava outras tantas sugestões. E o outro a ver que o primeiro crítico tinha sempre razão.

Desde esse dia o 1.º crítico tornou-se um tirano e um grande preguiçoso. Deitava-se, barriga para cima, à sombra de uma macieira e punha-se a pensar porque é que no céu havia estrelas. Começava-se a desenhar o filósofo. E quando o outro homem vinha todo vaidoso mos-

TALVIZ SEJA VERDADE QUE!!!



...para dar ambiente de dificuldades, a Empresa Espinho-Praia vai proceder a novo corte na passagem de livres-trânsito...

...para corresponder à dita necessidade, «Rumo» vai prescindir dos 12 livres-trânsito recebidos na época passada...

...para atender a vários pedidos, vamos encetar em Julho uma rubrica de reportagens «elegantes e deselegantes» com o título de «O que vai pelo Casino»...

...as sedes do Sporting e da Ass. Académica estão sempre às môscas, porque as respectivas entidades exploradoras se não esforçam por criar hábitos de frequência aos associados...

...as jóvens espinhenses gostam pouco de desporto... e muito de cinema...

...E' por isso que se não vêm raparigas nos «courts» de ténis, nem no rink de patinagem...

...as estudantes de Espinho também não gostam das letras, visto que não temos a colaboração de qualquer delas... no «Rumo»...

...os dirigentes de uma Associação Regional do Porto, vão ser compelidos a pedir a demissão...

...os ténistas da A. A. Espinho, não concorreram aos campeonatos do Porto de segundas e terceiras categorias, porque era pouco cómodo...

trar-lhe o fruto do seu trabalho, o 1.º crítico, olhava-o absorto, mamava-lhe o fruto (se o fruto era de mamar) e exclamava com um profundo desdém: Que miséria!

E continuava a olhar o céu e as estrelas! E como o outro Homem um dia lhe perguntasse: Porque estás tão absorto? Porque olhas tanto o Céu?, ele respondeu-lhe, com a boca ainda a abarrotar: Pretendo explicar o Universo.

—Que interesse tem isso? perguntou o outro Homem, abrindo os olhos desmesuradamente.

—Imenso! Sabes o que isto é? perguntou o 1.º crítico tomando, nas suas mãos, uma pedra.

—Um calhau!

—Objectivamente é-o; subjectivamente discuto.

—Não te percebo.

—E' exactamente isso que nos afasta. Eu penso; tu traba-

...ao contrário de certas opiniões as fusões de clubes obrigam a nova denominação... e novos Estatutos...

...teremos crise na próxima época de futebol no Sporting de Espinho...

...que os dois irmãos, Waldemar e Walter, irão vestir as camisolas negras da Académica de Coimbra...

...sendo assim a avançada Sportinguista ficará muito enfraquecida...

...o Hoquei em Patins parece querer entrar no bom caminho...

...três balões acesos constituam uma marcha luminosa de cegar...

...o Sarau de .. ARTE tivesse pouca arte, muitos «Tupi», algum «gorila» e tudo a pedir ... Misericórdia...

...os Cartazes das festas expostos pelo País são extraordinariamente sugestivos...

...o «Apoderado» dos touros continua a apresentar Cow-boiadas, com grande gaudío dos aficionados...

...Espinho e a Póvoa estão finalmente irmanadas em peçagadas taurinas...

...este mês muitos meninos vão dar o «nó»... enforcativo...

lhas. Eu sou espírito, tu és matéria. Eis a nossa diferença.

—Gostava de aprender o que tu sabes.

—Eu ensino-te desde que me des essa beterraba e me prometas um pepino e um queijo de cabra, todos os dias úteis.

—Prometo-te.

—Então és o meu 1.º discípulo. Eu serei o teu Mestre. Tu me respeitarás tanto como respeitas teu Pai e tua Mãe. Cuidarás do meu sustento que eu não tenho tempo para tal. E falarás de mim aos teus irmãos e primos e dir-lhe-ás que lhe ensinarei, mais tarde, a fabricar a pedra filosofal.

O 1.º crítico deixou crescer as barbas e o cabelo para não ter o trabalho de rapá-las. E feito isto, anunciou ao Mundo que estava cansado e exigiu, em paga dos serviços que prestara, uma reforma.

Mas pela primeira vez o outro Homem de modo injusto se esqueceu ou se negou a dar-lha.

ASSINANTES DAS COLÓNIAS E ESTRANGEIRO COBRANÇA

A Administração solicita aos nossos estimados assinantes residentes nas Colónias e Estrangeiro que a informem com urgência, do modo como desejam que seja efectuada a cobrança.

AS PEQUENAS CANTORAS do Postigo do Sol

Estamos perante um conjunto coral português, como jámais, no género (infantil), foi ouvido no nosso país. Trazidas a Espinho pela Associação Académica local, adentro do plano de difusão de Cultura construído pela Académica, estas «Pequenas Cantoras do Postigo do Sol» deram-nos um pedaço de Arte verdadeira e subida, horas inesquecíveis de beleza. Tudo isto se deve ao nobre esforço, trabalho e dedicação de Virgílio Pereira que, desde 1941, é incansável quer no labor musical quer na sua organização.

Na audição que o grupo nos proporcionou em Espinho, tudo foi correctamente executado, e até com originalidade, da maneira pessoal, marcada para além da procura ansiosa do significado que o autor quiz dar às peças musicais. Mas sobretudo na 2.ª parte. Esta foi dedicada aos mestres polifónicos seiscentistas (entre os quais os portugueses Duarte Lobo e Estevão Lopes Morago) e, ali, em que todas as composições eram de molde religioso, nós ouvimos música interpretada maravilhosamente, desde os mais matizados acordes ao simples uníssonos, ouvimo-la cheios de emoção e ascendentes aos cumes da espiritualidade, algo de véus brancos esvoaçando em catedral gótica a vencer uma Renascença pagã.

Quero, somente, anotar, entre o aplauso franco merecido pelas «Pequenas Cantoras», o seguinte pormenor:—As vozes, sobretudo as primeiras, devido talvez a deficiente preparação técnica (educação da voz) tinham menor firmeza nas notas agudas do que nas notas de registo médio, e o próprio timbre era ali menos agradável.

Quanto não ganhariam as «Pequenas Cantoras» se frequentassem um curso de canto individual!

Que perfeição e que sublimidade não teria o grupo, se mais esta qualidade se juntasse às muitas que o adornam!

Foi bastante criteriosa a escolha dos nomes da polifonia moderna representados neste espectáculo: P.º Luís Rodrigues, Lopes Graça, Berta Alves de Sousa... Mas o primeiro, sobretudo, deixa-nos subjugados. Na sua harmonia há qualquer coisa de novo, de revolucionário, de criador.

Tenho de terminar. Os adjetivos abundam nestas ligeiras impressões críticas. Não são, porém, elogios de favor: «As Pequenas Cantoras do Postigo do Sol» constituem um agrupamento que honra Portugal. Espinho não está ainda à altura de apreciá-las devidamente. Nem por isso a Académica deve desistir do seu esforço. Venham a Espinho muitos espectáculos como este, e o nível cultural da nossa gente há-de subir e há-de requintar-se o gosto artístico do povo espinhense.

Mário Neves

Propriedade da:
A. Académica de Espinho
(Secção Cultural)

RUMO

BOLETIM DA ASS. ACADÉMICA DE ESPINHO

Redacção e
Administração:
Rua 11-104-ESPINHO

Editor:
AR.º JERÓNIMO REIS
Administrador:
F. DE PINA CABRAL

DIRECTOR:
Higino Augusto Dixes

Redactores:
GOULART INOUEIRA
HERNANI BARROSA
ANIBAL LACERDA

SOLBERIS

...é um store



Agrupamento Comercial e Industrial, L.ª

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA

Vidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

OVAR

LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Merceria —

Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Merceria Porto

Aviadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

ESPINHO

Rua Dezanove - Telef. 10

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26

ESPINHO

Armazenistas de MERCENARIA * DOCEIS * CEREBIS * ETC.

Cadinha & Couto

RUA DEZOITO • TELEFONE 52 • ESPINHO

CASA SOUSA PAPELARIA E LIVRARIA

— J. Moreira de Sousa Júnior —

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215—ESPINHO

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria—La Toja—Jogos, Novidades

CARPINTARIAS

Limpos para todos os tipos de construções, armazéns para estabelecimentos e taces para parque, etc.



MERCENARIAS

Mobiliário em todos os estilos em madeiras nacionais e estrangeiras, etc. - Melhores preços - Novas instalações

Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria

DE

José Augusto da Silva Quintas

TELEFONE N.º 59

RUAS 18 E 39
ESPINHO

APARTADO 48

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS

Fabrico esmerado de todas as qualidades de pão

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Únicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Milaneza» SABAORIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefones: 21 (FARINHAS)
5 (APARTADO)

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833 ESPINHO

Execução rápida e perfeita em todos os trabalhos tipográficos • TRICROMIA

TIPOGRAFIA PROGRESSO

RUA 11 E 20 • ESPINHO

VOLEIBOL

Campeonato Regional

I Divisão

Com a realização, na passada quinta-feira 16 de Junho, do jogo em atrazo, S. C. Espinho — Nuno Alvares, terminou a primeira volta do campeonato regional. Continua ocupando o primeiro posto, o Leixões S. C., de facto a melhor equipa no momento, seguida do S. C. Espinho e do F. C. do Porto.

O clube local ainda não tem a sua classificação bem definida, em virtude de ainda não ser conhecida a decisão da Associação Regional, acerca do jogo Leixões — Espinho, efectuado em Matosinhos. O S. C. Espinho não apresentou a sua equipa completa, uma vez que Walter estava castigado, e Rosalvo ter faltado ao jogo. No entanto, qualquer que fosse a turma espinhense a vitória penderia para o lado do grupo de Matosinhos, visto que se exibiram muito bem e por vezes com um pouco de felicidade.

A arbitragem foi lamentável sob todos os aspectos, prejudicando a equipa de Espinho e contribuiu para a exaltação de alguns jogadores, um dos quais foi expulso, quase no final do terceiro jogo, quando o resultado estava em 14-6. Pelo facto de não ter suplentes (?) para ocupar o lugar do jogador expulso, o árbitro deu o jogo por terminado, marcando falta de comparência ao clube de Espinho. Este protestou o jogo, e até agora nada se resolveu. Esperamos no entanto uma boa decisão da Associação, que deve atender ao facto, de que o árbitro foi o único culpado de tudo quanto se deu. Na pior das hipóteses o clube local fica a dois pontos do «leader».

Nos outros jogos o S. C. Espinho obteve outras tantas vitórias.

Contra o C. U. no Porto, venceu o adversário por falta de comparência (o árbitro também faltou), e em Espinho o Juventude por 3-0 (15-14, 17-15, 16-14), a anotar os resultados parciais, pouco vulgares em encontros de Voleibol; e o Nuno-Alvares por 3-0 (15-5, 15-4, 15-6). Foi neste jogo, que o clube local melhor se exibiu, notando-se já uma subida de forma em todos os elementos.

E' justo salientar J. Bico e Walter no «remate final», e H. Ruano como «passador». Os outros dentro do conjunto.

Devemos pois amparar o grupo espinhense, na segunda volta, que se mostra de veras renhida, confiando numa boa classificação, o que aliás, está dentro das suas possibilidades.

O grupo tem alinhado: José Bico, Walter e Waldemar Brandão; Alberto Alves (cap.); Jorge Moreira, Humberto Ruano, Rosalvo, Mano, Teófilo Sousa, Diamantino Sá e C. Lima.

II Divisão

A Associação Académica de Espinho, com as suas vitórias sobre o S. Roque e o Madalena (no seu próprio campo), cota-se como sério pretendente ao título da II Divisão. Embora não tenha actuado sempre com a mesma equipa (mal que já vem de longe), tem feito exhibições regulares e agradáveis. Temos esperanças na equipa, e esperamos vê-la de novo na I Divisão (lugar que lhe compete).

Assistimos ao jogo com o S. Roque, efectuado no campo da Avenida no dia 29 do mês passado, e embora actuasse com um pouco de nervosismo, o que é natural, visto que o grupo adversário é um dos mais perigosos, a Académica venceu e bem por 3-2. O jogo foi prejudicado pelo vento que varria o campo de lés-a-lés, e também pela fraca actuação do árbitro, sem recursos para tal «empreitada». Adaptaram-se melhor que os visitantes às desfavoráveis condições atmosféricas, pelo que se ajusta o triunfo obtido. Sobressairam José Lago, quanto a nós o melhor elemento em campo, e por vezes Alberto Mário: os outros dentro do que costumam fazer, excepto F. Caldeira, que parece, em baixa de forma, que urge debelar.

Na Madalena, contra o grupo local, venceu por 3-1, notando-se o reaparecimento de C. Gayoso, afastado da modalidade, há bastantes meses. E' pena que este jogador não se dedique ao Voleibol, visto que assim poderia ser um trunfo poderoso para a Académica, uma vez que tem recursos apreciáveis.

O grupo tem alinhado: José Lago (cap.), F. Caldeira, Fernando Neto, Alvaro Serralva, Alberto Mário, João Simões, Fernando Nazaré, João Castro, C. Gayoso e A. Gaio.

Seleção Regional

Noutra crónica daremos notícias pormenorizadas, sobre o que se tem feito nos treinos da Seleção Regional, e quais os jogadores convocados, dos grupos da Costa-Verde.

Jorge Moreira

PELO DESPORTO

SEM TÍTULO

e sem ofensa...

A equipa do Norte pela sua actuação no torneio Internacional, fez desabar as ilusões «fabricadas» através da voz autorizada de um super-técnico, representante da palavra escrita e falada...

As seleções do Norte e do Porto (?), foram feitas «ad hoc». Vimos um Manuel Fernandes «pretenciosamente» a 6.º jogador (talvez com vista às deslocações ao estrangeiro), um André a defesa, e um Aragão a fazer número...

Porque será que Raul Lima, Polónia, Firmino Trabulo, não participaram na selecção do Porto? Poderá entender-se, perante os Regulamentos da Federação P. Patinagem, que estes jogadores se recusem a participar em seleções e continuem a jogar pelos seus clubes?

Abel Santiago (mesmo sem óculos!), mostrou que sabe jogar hoquei em patins e também que, afinal, quem precisa de óculos são os seleccionadores e quejandos...

Sendo a cenoura um excelente fortificante do nervo optico, o sr. Manuel (ex. futuro defesa da Seleção Nacional), ficava ceginho sempre que lhe aparecia o «cenoura» da selecção Belga.

Ribeiro da Cunha um jornalista que não navega nas águas do «Divino» e predestinado C. B., disse no «Norte Desportivo», que a colocação de André a defesa foi uma «aventura». Descansem porém os responsáveis, pois o jornalista, e nós incluídos, apenas sofre de bom senso... um mal perfeitamente desculpável.

A azáfama das constantes chamadas dos directores da A. P. N. através dos alto-falantes, quase nos deixaram exaustos... Será propaganda, ou é necessário?

Josée Créé, a gentil patinadora belga, confundiu-nos com o seu feminino encanto, especialmente nas requebradas e sinuosas «curvas» do seu Tico-Tico...

No «Primeiro de Janeiro», Sampaio em dois traços fez uma síntese do jogo Norte-Bélgica,

apresentando 4 anjinhos e Gomes da Costa como única excepção. Nós levaríamos mais longe o pormenor, apresentando um anjo da guarda (seleccionador) a pontapear o diabo em pessoa (o árbitro Romão Santos)!!

Maria Antónia, encantou a assistência com os seus números de patinagem artística, emprestando à sua actuação uma graça e donaire, especiais. Em suma uma pequena que tem futuro.

A questão de arbitragens do «Torneio Internacional» deu lugar ao pedido de demissão do Presidente e Secretário da Comissão de árbitros, respectivamente o Dr. Oscar de Carvalho e Frederico Spranger... que por sua vez, foram demitidos pela A. P. N... Em questão de demissões, soma e segue...

No decorrer dos encontros, foram muito lembrados os nomes de João Gonçalves e Polónia, nomes que até aqui sempre se votaram ao ostracismo...

Embora o árbitro Romão Santos, nos não mereça simpatia, entendemos injusto o seu afastamento como árbitro indicado para o Norte — Seleção Flamença, pois os defeitos que lhes apontaram nunca evitaram, anteriormente, que tenha sido solicitado para importantes encontros do Campeonato Regional... Um critério que é perfeito sistema de pau de dois bicos, umas vezes sim outras vezes não...

Foi muito apreciada, a ridícula «charla» que um jogador da equipa do Norte fez ao microfone da E. N., logo após terminado o ultimo encontro do torneio, pela justeza e verdade das palavras proferidas. Um mimo...

D. Fuas Roupinho

Taça «Dr. Sá Oliveira»

Continuado da pág. 3

tade de certos «critiquelhos» locais, provou ser utilíssimo. A linha avançada foi a surpresa pois, além de um futebol ligado, se tornou afoita em atirar às balizas adversárias. De todos os seus elementos salientou-se Loureiro que é pena estar a convencer-se de que é o «melhor do mundo» com imediato sacrificio da sua utilidade. Os outros foram magníficos auxiliares da vitória que veio de novo acender na alma dos desportistas espinhenses a esperança de ver a sua equipa de futebol ingressar no seio das que disputam a II Divisão. Oxalá se não perca o muito que se fez no corrente ano e que em grande parte se deve ao exemplar esforço de Alexandre Reis.

P. M.

HOQUEI em campo

O Campeonato Regional de Hoquei em Campo foi para a Associação Académica bastante infeliz, pois tendo principiado o Campeonato com duas equipas — Honra e Reserva — por razões várias, nenhuma delas pode terminá-lo.

A equipa de honra foi eliminada e a de reservas foi obrigada a desistir por resolução da Associação Regional, que somente permitiria que a Académica entrasse no torneio desde que se deslocasse sempre ao campo do adversário, pois a deslocação a Espinho dos grupos do Porto ficaria bastante dispendiosa...

Esta atitude da Associação era o mesmo que obrigar a Académica a desistir, pois que seria mais lógico e mais desportivo vir um grupo do Porto a Espinho em cada Domingo do que a ida, todos os domingos, dos nossos rapazes ao Porto, facto que daria em resultado as habituais dificuldades: meios de transporte, levantar cedo, etc.

O grupo de honra teve um início de campeonato bastante animador, visto que conseguiu 3 empates perante grupos de primeiro plano.

E como nos encontrávamos nos primeiros lugares, começou a já velha e conhecida perseguição dos árbitros e Associação!

E assim: perdemos um jogo com o Vigorosa, jogo que tínhamos empatado, em virtude da Associação não acreditar na inscrição da equipa dentro do prazo legal, aceita pelo Presidente da Associação do Porto Dr. Virgínio Pereira: foi-nos marcada falta de comparência por termos chegado dois ou três minutos mais tarde do que a hora marcada para a realização do jogo com o Sport (é certo que nos poderão dizer que fôssemos mais cedo... mas certo é também que a chuva, nesse dia, tornava a estrada perigosa pelo que os automóveis tiveram que ir com cautela. Não será justo que esperassem mais uns minutos atendendo ao mau tempo e ao facto da Académica ser um grupo de fora do Porto?); a terceira falta de comparência foi devida a resolução que o nosso capitão do grupo Alberto Vita tomou no jogo contra o Ramaldense, exigindo, conforme regulamento, do árbitro explicações acerca de expulsão de Alberto Alves, recebendo como resposta convite para abandonar o terreno.

Perante aquela atitude injusta e em sinal de protesto o capitão da Académica fez a equipe abandonar o terreno, assumindo as responsabilidades da sua atitude. Assim fizemos, mas Vita não assumiu as responsabilidades, pelo contrário, atastou-se da modalidade, prejudicando-nos grandemente, dado o real valor de tal elemento; e para finalizar a nossa eliminação do torneio em virtude da falta de comparência frente ao Futebol Clube do Porto, pois a Direcção do Sporting Clube de Espinho não autorizou a utilização do seu campo, visto que se realizava às onze horas o jogo de Juniores entre os grupos do Salgueiros e Sanjoanense.

A Académica ainda justificou perante a Associação os motivos desta falta de comparência, que trouxe a nossa eliminação mas sem resultado.

Aliado a tudo isto (que não é pouco) ainda há a assinalar o facto de alguns elementos como Vitó, Higino Pires, Anibal Lacerda, e Anjos Neves, não poderem por circunstâncias várias, dar à equipa o regular apoio que necessitávamos.

E com todos estes incidentes, decorreu o campeonato de hoquei em campo de 1948, que nenhuma saudades deixou.

Finalmente, e com vistas ao próximo ano, quero dizer a todos os simpatizantes e jogadores que desejo cumprir a promessa que fiz a Amparo Santiago, quando de sua ida para África: O Hoquei em Campo não morrerá, antes pelo contrário — terá de entrar no próximo campeonato no máximo da sua força, para que façamos ver, a todos que nos perseguem, que jámais nos conseguirão derrotar no propósito inabalável de prosseguirmos no hoquei em campo. Para começar, efectuam-se todos os domingos, pelas 9,30 horas treinos no Campo da Avenida.

Fernando Costa

«RUMOR» está á venda no Porto, na

LIVRARIA PORTUGÁLIA

Rua de Santo António, 210

A primeira corrida NO NORTE

Com a inauguração da época taurina no Norte, voltamos hoje a ocupar no nosso jornal o espaço já anteriormente reservado à rubrica «Touros e Touradas».

E, como é nosso dever, começamos por saudar todos os aficionados em geral e os nossos conceituadíssimos leitores em particular.

Como o espaço não abunda, passamos a tratar imediatamente do assunto desta primeira crónica da época: «a corrida inaugural da Póvoa de Varzim».

Muita gente,—imensa mesmo—acoreu àquela praia no dia da referida tourada. Uns atraídos pelo cartaz, os outros porque é sem dúvida uma nota de «bom tom» o ser-se visto numa praça de touros.

E é precisamente por causa destes últimos que começamos com os primeiros queixumes: é confrangedor, verificar a total ignorância das mais elementares bases que regem a arte de tourear, por parte dos espectadores que ocupam as localidades das nossas praças (Norte) e que são na sua maioria exactamente os que vão aos touros sem serem influenciados pelo cartel.

Berraria, apartes inoportunos, asneiras em catadupa, enfim, um rosário longo e fastidioso de animalidades que constituem alias sintomas insofismáveis dos profundos conhecimentos deste mesmo público em matéria tauromáquica.

A nova praça, que réclamavam como a segunda no País, não merece francamente tal elogio. É absolutamente vulgar, com lugares apertadíssimos e brutalmente incómoda. Se na realidade for a segunda, então a nossa é a primeira, e isto sem facciosismo. Que o digam as pessoas que conhecem as duas... Ainda que se tratasse da primeira função ali realizada, o piso da arena encontrava-se detestável, cheio de areia e solto, prova indementível do pouco cuidado que lhe dispensaram.

São, em resumo, deficiências que urge remediar—o que for possível, porque algumas só se desfizerem o que já está feito—para benefício da Festa e do público pagante, que não entendendo nada do assunto, merece por isso mesmo um pouco mais de atenção pelo seu sacrifício em lá ir (???)

Tourada não houve. Pode parecer um paradoxo, mas não é. Houve sim, uma boiada infame e indecorosa que maçou toda a gente, a começar nos artistas e a acabar no vendedor de resguardos para o sol. Oito mansos perdidos e sem casta alguma—duraram em média cinco minutos—ainda que não revelassem más intenções. E então, os que destinaram para a lide à espanhola, eram de tal imponência e com tanto poder que quando ar-

das, não é possível realizarem-se faenas sérias e mormente então, se a matéria prima é da qualidade da do dia 18. Teve mesmo assim detalhes de artista conhecedor e valente, deixando repouso às «vitelas» e lidando-as com suavidade para que não morressem exaustas na arena. Houve no seu segundo uma série de redondos pela direita, lentos e compassados e executados em terreno inverosímil que devem ter ficado por certo na retina dos espectadores. Ao apreciarmos os pequenos detalhes que nos ofereceu numa função destas, imaginamos o que não será Manuel com touros bravos e picados e fazendo faenas objectivamente dirigidas para a sorte suprema...

Manolo Navarro é um típico representante da escola castelhana, com um toureio sóbrio e sé-



rancavam para o engano, dobravam os remos e arrastavam os quartos trazeiros pela areia do redondel.

Simão da Veiga esteve incerto alternando coisas boas com outras impróprias da sua categoria. Simão quando toureia nos redondeis nortenhos transige demasiado com certos espectadores que só lhe fazem pedidos extravagantes e sem nexos algum. Procurando satisfazê-los, o referido cavaleiro esquece por vezes as normas de bem tourear a cavalo, o que não está de acordo com o nome e a posição que ocupa na arte de Marialva...

Rosa Rodrigues teve o melhor touro dos destinados para a lide equestre e farpeou-o com alegria, serenidade e maestria. Apresentou-se bem fornecido de montadas, parecendo-nos encontrar-se esta época na sua melhor forma.

Manuel dos Santos deve ser, na realidade, um grande maestro em Espanha, toureando de verdade. No nosso país, com os simulacros a que chamam toura-

rio, mas sem aquela alegria e salsa tão características dos sevillanos. O animal que lidou em segundo lugar era o melhor do lote, mas, ou não soube ou não quiz toureá-lo como devia, preferindo antes o trasteio de «pítion a pítion» que pronto acabou com o animal mas que em compensação lhe permitiu executar o tão «retumbante e emocionante» adorno.

Os forçados amadores de Santarém foram como sempre, valentes e distintos nas pegas que executaram.

Direcção defeituosíssima e sem critério algum, dando a impressão que havia momentânea paralisia das faculdades de raciocínio, provocada talvez pela insipidez do espectáculo. Bastará talvez dizer que a corrida começou às seis horas e cinco minutos e acabou às nove horas da tarde.

E agora, presados leitores, até Espinho, onde esperamos que os resultados sejam mais animadores, de contrário a Festa acabará dentro de pouco tempo...

Paquito

PROSAS DISPERSAS

CARTA a Maria Margarida

A tua carta não a li pois nem sequer a cheguei a abrir. Prefiro não a ler, ignorar as tuas queixas mentidas, os teus lamentos fingidos, os teus ais não sentidos. Não preciso de a ler a tua carta para saber o que nela me dizem. Sei que pretendes acabar. Pretendes terminar porque não és capaz de encarar a realidade da minha vida. Eu não te ofereci a mentira do sonho, a ilusão dum futuro a não cumprir. Ofereci-te a minha vida, com suas penas tristes e seus minutos de alegria, com suas horas de dor e seus minutos de prazer. Ofereci-te as minhas mãos vazias e o meu coração pleno de ideias. A minha oferta atemorizou-te pois tu sonhavas de olhos bem abertos em frente à Realidade. Tu sonhavas com o Palácio de Ilusão e com o Príncipe das Lendas do teu tempo de criança. E a minha realidade fez submergir o teu sonho e matou o príncipe romântico que pretendias reviver em mim.

Por essa razão pretendes acabar. Eu compreendo-te e não te tenho rancor. Fazes bem em me deixar. A minha luta não é uma luta para cobardes ou indiferentes. A minha luta é a minha vida. E a minha vida será luta que merecerá ser vivida. Portanto fazes bem em deixar-me só. Deixa-me só e segue o teu caminho—que o meu caminho é estrada tortuosa, curva ondulante, estrada caprichosa e desigual, que me esconde o fim.

Em cada curva um precipício; cada passo um obstáculo. É esta a minha estrada; era esta a estrada que eu queria que tu palmilhasses a meu lado, como se fossemos um corpo só, como se tivéssemos a mesma alma.

Mas o teu sonho e a realidade de minha vida são duas interpretações diferentes da tua e da minha alma. Marcam anseios tão dispares, tão diferentes, que eu

Continua na pág. 2

FOLHETIM

Por José Corte-Real (Pepe)

QUE ISTO DE... SER GORDO

Que isto de ser-se gordo não é motivo de desgostos. Porque se o fossemos todos a vida teria rumo novo. Pois o gordo o que necessita, é de descanso e odeia o movimento. Um exército de gordos seria absurdo e caricato. O soldado gordo não pode ser rápido no movimento, veloz na corrida nem confundir-se com o solo. O gordo é pacifista.

Um gordo feito ladrão é rareza milenária. Só teria probalidades de escapar à perseguição dum polícia gordo e não sei se repararam que os polícias são geralmente magros.

O gordo não nasceu para pedinte. Não pode lamuriar, com um corpo escorrendo banha, que morre de fome. Que isto de ser-se gordo significa muita coisa. Porque o ar patriarcal e o abdómen saliente são sinais de quem possui cabedais. O meu mercieiro que o diga. Antes da guerra tinha a magreza dum cão vadio. Depois à medida que a guerra se prolongou e o mercado negro surgiu como fatalidade inevitável, começou a engordar suavemente. Mas há meses engordou terrivelmente. Parece um urso. Hoje adquiriu um ar apático, de quem vê o mundo pela luneta do descanso.

Que isto de ser gordo é quase sinónimo de burguês. São gordos quase todos os banqueiros que conheço. Parece que é um estigma da raça.

A psicologia do gordo é a psicologia do homem digno. Todo ele respira um ar de respeitabilidade. O seu andar é

pesado, todo senhor de si; o seu falar é arrastado; a sua voz ergue-se meia oitava acima da normal. O gordo tem um ar conselheiral quando fala; quando meneia a cabeça parece pronunciar um veredictum indiscutível.

Sim, que isto de ser gordo significa muita coisa. O gordo não está apto para a vida que exige músculo, energia e movimento. O gordo nasceu para comandar. Sim, isto de ser gordo significa enterrar-se na cadeira e dar ordem aos magros; significa apenas pensar com o cérebro e agir pela palavra ou pela escrita. Mas pelo movimento, nunca. Trabalhos pesados não são para o gordo; erguer a picareta, empunhar a espingarda, revolver a terra, bater recordes desportivos, não são coisas que um gordo faça. Isso cabe aos magros.

Sim, isto de ser gordo não é ser pária. Que isto de ser gordo é sinal de boa vida.